

Aves sem ninho

Célia Xavier Camargo
Pelo Espírito Jéssus Gonçalves

Aves sem ninho



7ª edição
Matão, SP
2014

 CASA EDITORA
O CLARIM

AVES SEM NINHO

Capa: Equipe O Clarim

Projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Cássio Leonardo Carrara

Todos os direitos reservados

© Casa Editora O Clarim

(Propriedade do Centro Espírita O Clarim)

Rua Rui Barbosa, 1070 — Centro — Caixa Postal 09

CEP 15.990-903 — Matão-SP, Brasil

Fone: (16) 3382-1066 — Fax: (16) 3382-1647

CNPJ: 52.313.780/0001-23

Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

www.facebook.com/casaeditoraoclarim

FICHA CATALOGRÁFICA

Célia Xavier Camargo

Pelo Espírito Jésus Gonçalves

Aves sem ninho

1ª edição: 1993

7ª edição: agosto/2014 – de 52.501 a 58.500 exemplares

Matão/SP: Casa Editora O Clarim

480 páginas – 16 x 23 cm

ISBN – 85-7357-004-0

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

- 133.9 Espiritismo
- 133.901 Filosofia e Teoria
- 133.91 Mediunidade
- 133.92 Fenômenos Físicos
- 133.93 Fenômenos Psíquicos

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

Sumário

Palavras do autor	9
Primeira Parte	11
Capítulo I. O retorno	13
Capítulo II. Dúvidas	21
Capítulo III. Nascimento de Lucas	27
Capítulo IV. Expulsão do castelo	37
Capítulo V. Os salteadores	43
Capítulo VI. Joachim, o judeu	51
Capítulo VII. Morte de Joachim	63
Capítulo VIII. Reencontro	71
Capítulo IX. Novos compromissos	81
Capítulo X. Os convidados	87
Capítulo XI. Montmorency	99
Capítulo XII. Marianne	107
Capítulo XIII. Novas perspectivas	123
Capítulo XIV. Novo pedido de casamento	135
Capítulo XV. Ataque criminoso	153

Segunda Parte	167
Capítulo I. O mosteiro.....	169
Capítulo II. Frei Víctor	177
Capítulo III. Quando o amor chega.....	183
Capítulo IV. Velhos amigos.....	193
Capítulo V. Frei Felipe	203
Capítulo VI. Rumores de guerra	211
Capítulo VII. Trama diabólica	219
Capítulo VIII. Funerais de Henri de Montmorency.....	227
Capítulo IX. Sem saída.....	241
Capítulo X. Ciúmes	251
Capítulo XI. Lembranças	259
Capítulo XII. França e Inglaterra	267
Capítulo XIII. Invasão inglesa.....	277
Capítulo XIV. Ricardo I, Coração de Leão	285
Capítulo XV. Fuga para Montpellier.....	293
Capítulo XVI. No convento	307
Capítulo XVII. A confissão	331
Capítulo XVIII. O acampamento	343
Capítulo XIX. A verdade, enfim	351
Capítulo XX. Sofrimento materno	375
Capítulo XXI. Irmã Angélica.....	385
Capítulo XXII. Tramas nas sombras	393
Capítulo XXIII. Resgate doloroso	399
Capítulo XXIV. Retorno ao lar	417
Capítulo XXV. Vitória da França	433
Capítulo XXVI. Libertação	447
Capítulo XXVII. Epílogo.....	465

Palavras do autor

Paz em Jesus!

Com as bênçãos do Mestre conseguimos terminar mais uma etapa da tarefa que nos foi confiada, e é com infinito júbilo que entregamos este trabalho, fruto do esforço e da dedicação de muitos, para a apreciação de todos aqueles que se interessarem em folheá-lo. Os acontecimentos aqui relatados são verídicos e representam a luta ingente de um grupo de espíritos ligados por laços profundos do pretérito em busca do autoaprimoramento.

As emoções que nos tocam a alma são imensas e inesgotáveis, buscando reviver as imagens de uma existência há tanto tempo transcorrida e que nos foi muito dolorosa.

O drama se desenrola na França, na época em que se iniciava o último quartel do século XII, durante o reinado de Filipe Augusto.

A humanidade, de modo geral, atravessava período muito difícil, mergulhada em trevas densas.

A religião cristã enveredara por caminhos ínvios, e a luminosa mensagem do Cordeiro de Deus se escurecera, confinada nas sombrias paredes dos claustros.

Os homens faziam as chamadas Guerras Santas, e nas Cruzadas matavam seus irmãos em nome do Mestre Nazareno – que só pregara o amor e a paz, a concórdia e o perdão –, sob o pretexto de defender-lhe o Santo Sepulcro.

O sofrimento e a dor campeavam entre o povo sofrido e faminto.

Desesperançados, os homens se afastavam de Deus, não O compreendiam, e a Inquisição, terrível flagelo para a humanidade, instala-se, iniciando seus passos de destruição e morte.

A ambição e o luxo, a inveja e o poder andavam juntos, e as palavras imorredouras do Evangelho foram abafadas pela imperfeição e pelo arbítrio do homem, representados pela Igreja Romana.

No entanto, fiel ao trabalho de sustentação da humanidade, na sua luta redentora em busca da evolução, o Criador mandou um de seus mensageiros, preposto de Jesus e companheiro das primeiras horas do Cristianismo nascente. Revolucionaria a Igreja, pregando a humildade e o amor, tendo gravado em tintas indeléveis em suas lembranças mais caras a figura amorável do Cristo, quando falava aos corações nas doces e consoladoras prédicas da Galileia distante.

Nasce então, ao apagar das luzes do século XII, na Itália, na região da Úmbria, aquele que viria a ser Giovanni Francesco di Bernardone, mais conhecido como Francisco de Assis, cujo exemplo seria um farol iluminando as trevas, através de uma vida extraordinária de amor ao próximo.

O relato que aqui faço é, também, uma justa homenagem a dois grandes amigos de outras eras e que deixaram uma lição inesquecível de trabalho e abnegação em plena e sombria Idade Média. Aos espíritos Louise e Victor a nossa gratidão e o nosso amor, pelo muito que fizeram em nosso benefício.

Que os fatos aqui narrados possam servir de exemplo a todos aqueles que vierem a tomar conhecimento deles, incutindo em suas mentes a necessidade de vencer as próprias imperfeições através da vivência dos postulados do Cristo.

Que Jesus possa fortalecer-nos o ideal de servir e guiar-nos os espíritos ainda frágeis para que sejamos realmente aqueles trabalhadores da última hora dignos do seu salário.

Jésus Gonçalves
Rolândia, 12 de abril de 1991

Primeira Parte





CAPÍTULO I

○ retorno

O dia amanhecera limpo e calmo. A atmosfera, livre de impurezas devido à chuva que caíra no dia anterior, apresentava-se leve, e um colorido mais vivo envolvia todas as coisas. As plantas reluziam aos primeiros raios do sol nascente, ainda úmidas e com gotículas de água em suas folhas, assemelhando-se a belos diamantes refletindo a luz solar.

Em volta da pequena casa, as calçadas de pedras aparentavam limpeza e a gramínea dos canteiros exalava odor característico de verdura e terra molhada.

Algumas galinhas ciscavam no terreiro, enquanto uma vaca aguardava pacientemente as atenções do dono, para que viesse aliviar-lhe os úberes regurgitantes.

A moradia denotava simplicidade e pobreza digna e honrada, não obstante os cuidados do morador atenuassem o ar de miséria, tornando o ambiente até agradável.

Canteiros de pequenas flores surgiam aqui e ali, circundando o humilde casebre, e vasos de plantas odoríferas tornavam a vista agradável, indicando o apreço do morador e seu carinho para com elas.

Entrando pela porta principal, que insuficiente segurança oferecia, com pequena corrente a vedar a entrada de estranhos, vê-se uma pequena mesa de madeira tosca no centro do aposento; no canto direito de quem entra, um

armário, em sofríveis condições de uso, guardava-lhe os pertences: algumas canecas, pratos, um ou dois copos e alguns enfeites.

Na cozinha, pequeno fogão de barro com o lume apagado, algumas panelas e objetos sujos, jogados, que se diria abandonados apressadamente pelo proprietário, mostravam uma certa desordem. Um odre de vinho, vazio, caído no piso de terra batida, não deixava dúvidas quanto ao que estivera fazendo o dono da casa na noite anterior. Pequeno compartimento ao lado da cozinha, atulhado de objetos, ferramentas, bugigangas e sacos com gêneros alimentícios, servia de despensa.

Da sala passava-se para os cômodos que faziam as vezes de quartos de dormir. Num deles um homem, ainda no verdor da idade, dorme a sono solto. Um cheiro acre de bebida tresandava no ambiente.

A cama macia e limpa, um baú grande e uma cadeira eram os únicos móveis do local. Sobre o baú, pequena candeia de azeite, apagada, contemplava a cena muda.

O homem dormia, vestido ainda com as roupas que portara na noite anterior, e as botas, cheias de barro, enlameavam o pequeno pano que, à guisa de tapete, encontrava-se ao lado da cama.

Afinal, o homem dá os primeiros sinais de que está acordando. Mexe-se no leito, que range dolorosamente. Abre os olhos com lentidão. A claridade que entra pelas frestas da janela o incomoda. Leva a mão à cabeça, que parece querer explodir. Dor violenta o prostra no travesseiro de penas. Sente tudo girar à sua volta e tem dificuldades para situar-se no presente.

O que acontecera na noite anterior? Fez um esforço insano para concatenar as ideias.

Ah! sim! Bebera muito e, por isso, agora se encontrava neste estado lastimável.

Levantou-se com a boca amarga. Foi até a cozinha, acendeu o fogo e fez um pouco de chá, que bebeu de má vontade, fazendo careta. Mas a bebida amarga lhe fez bem, desembaralhando-lhe um pouco as ideias.

Por que acontecera tudo aquilo, afinal? O que fizera para que o seu pequeno, mas tranquilo mundo, desabasse sobre sua cabeça? Com mil demônios! Como não pudera evitar a tragédia que modificaria radicalmente sua vida e que lhe desfazia os sonhos mais caros?

Sabia que “ele” ambicionava sua pequena propriedade, mas confiava que amigos influentes pudessem ajudá-lo. A pequena herdade era sua por direito. Adquirira de um velho judeu que, cansado de lutar na lavoura, sem ter herdeiros na região a quem pudesse legar seus bens, morrera em seus braços, após vender-lhe o pedaço de terra por preço razoável. Como possuía algumas economias que juntara com dificuldade, pagara o preço justo e combinado. Nada tinha a temer.

Mas, como não notara o interesse “dele” por sua noiva? Como pudera ser tão cego que não percebera que sua prometida estava a mudar de interesses? É verdade que ela nunca lhe manifestara um amor muito grande. Resignara-se à escolha feita por seu pai que, muito pobre e empregado do rico proprietário da maior parte das terras da região, o julgara um bom partido por possuir uma pequena propriedade.

Com certeza influenciara na decisão da filha ao perceber as atenções do senhor para com ela. Entre um e outro, não havia dúvidas. O outro era imensamente rico, nobre e senhor de muitos escravos e muitas terras. E ele, um pobre diabo.

A ingrata nem sequer se dignara recebê-lo. Mandara o pai romper o compromisso de noivado, coisa muito séria na época, o qual alegou simplesmente que a filha era muito jovem e ainda não se sentia capaz de enfrentar os problemas de um casamento. Lamentava muito, dizia ele, porque o estimava como a um filho, mas que desejava respeitar a vontade da filha, única alegria da sua velhice solitária.

Saindo do casebre, sem ter podido ao menos rever a mulher amada, dirigiu-se à taberna mais próxima, onde costumava entreter-se com os amigos nos momentos de folga.

Lá ficou sabendo, algumas canecas de vinho depois e estando todos já influenciados pela bebida e com a língua destravada, que sua noiva fora vista a lançar olhares lânguidos para o dito senhor, que não se cansava de passear num belo cavalo de arreios de prata em frente à rua humilde em que residiam a noiva e seu pai. Que a jovem, ao ouvir o trotar do cavalo aproximando-se, abria a janela e ficava a fingir estar interessada no movimento da rua.

O cavaleiro tirava o chapéu, curvava-se num cumprimento e passava, enquanto a jovem noiva fechava o postigo da janela, como se nada mais a interessasse.

Ao ouvir essas notícias, o rapaz ficou vermelho de raiva. Seus olhos se injetaram de sangue, a fronte começou a latejar violentamente e ele parecia prestes a sofrer uma síncope.

Deu um murro na mesa, que estrondou perigosamente, dizendo entre dentes:

– Canalhas! Eles me pagarão o insulto. Traidores merecem a morte. Não viverão para afrontar-me com sua felicidade. Tomo a Deus e a vós como testemunhas do juramento que acabo de fazer para desagrar a injúria e as nódoas que foram lançadas sobre meu nome, obscuro mas honrado.

Os amigos se entreolharam assustados com o juramento que o companheiro acabara de fazer e perceberam, tarde demais, que deveriam ter mantido a boca fechada.

Na verdade, ele não era mau rapaz. Pelo menos até aquela data nada fizera que denotasse mau carácter. Ao contrário. Sempre muito só, aprendera a lutar sozinho pela vida.

Era órfão de nascença. Fora enjeitado pela mãe logo ao nascer e encontrado, junto ao portão da propriedade do Senhor Conde de Montpellier, por uma criada da casa, que o levou à Senhora Condessa.

Tomada de compaixão pela infeliz criança que tiritava de frio sob os humildes trapos que a cobriam, procurou algo que a identificasse e que pudesse indicar sua origem. Mas tudo em vão.

Aconchegando-a ao peito, a Senhora sentiu um calor brando dominar-lhe o coração. Enternecida, aproximou-a do fogo que crepitava na lareira, enquanto a criada saiu em busca de uma manta para aquecer o recém-nascido e de leite, pois deveria estar faminto.

Berrava desde que fora encontrado, porém se aquietou com o calor do fogo, envolto na manta que o agasalhava.

Uma das criadas da casa dera à luz recentemente e prontificou-se a amamentá-lo. Alimentado e aquecido, o pobrezinho adormeceu, enfim, para despertar para uma vida nova.

A Senhora Condessa de Montpellier, que não tinha filhos mas possuía coração bom e generoso, afeiçãoou-se à criança como se fora seu próprio filho. Entregou-a aos cuidados da nutriz, embora procurasse estar sempre por perto, acompanhando seu desenvolvimento.

O conde se encontrava ausente, guerreando, e ela decidiu por conta própria que o bebê seria seu filho, enquanto aguardava a volta do esposo, um tanto preocupada com sua reação.

A criança crescia forte e robusta e era o encanto da casa. Seu riso enchia o ar e fazia a felicidade da Senhora, que o abraçava chamando-o de “meu filho”.

Certo dia, quando já completara um ano de existência, ouviu-se um alarido diferente e tropel de cavalos, seguido do tinir de metais. Era o dono do castelo que retornava com seus soldados, cansados, empoeirados, mortos de fome e de frio, pois era novamente inverno.

A dama veio recebê-los, feliz e aliviada por ver seu querido esposo são e salvo.

– Bem-vindo sejas, meu Senhor!

Rapidamente se providenciou refeição para os recém-chegados e acomodação para os que fossem ficar nas dependências do castelo. Grande parte do contingente foi para os seus lares rever a família. Houve muito regozijo e festas.

O clima era de euforia, apesar dos reveses sofridos na guerra. Havia perdido algumas batalhas importantes e, sem recursos, sem víveres e sem armas, não tiveram outra opção senão voltar para tentar obter reforços.

Na verdade, a campanha toda fora um desastre. Os sarracenos, em maior número, promoveram um verdadeiro massacre dos cruzados. Fora sorte terem retornado com vida. Perdera muitos homens. Além dos feridos em combate, muitos retornaram enfermos devido às más condições do acampamento, chuvas, má nutrição e doenças. Não obstante a Segunda Cruzada ter terminado em 1149, ocorriam lutas intestinas.

Os dias seguintes seriam usados para descansar, recompor as energias gastas, fazer um balanço da situação. Depois, quando estivesse recuperado, o Senhor Conde chamaria seu fiel administrador para saber como ia a propriedade. Mas, agora não. Havia tempo para tudo. Era necessário esquecer os horrores da guerra e para isso havia vinho à vontade na adega do castelo.

Alguns dias depois, quando os ânimos já estavam mais serenos e o Senhor se encontrava particularmente acessível, a condessa mandou que lhe trouxessem o menino.

Estavam ambos palestrando numa pequena e acolhedora sala, que fazia divisa com os aposentos de cada um deles e que era o local de encontro do casal. Região neutra, usada para discutir assuntos mais sérios, acertar detalhes da administração da casa e até para resolver divergências ou pequenas rugas que surgiam vez por outra no céu conjugal.

Do lado esquerdo ficavam os aposentos da Senhora, constantes de uma pequena sala íntima, logo seguida do quarto de dormir, toucador e quarto de vestir. Tudo decorado luxuosamente ao gosto da época, com cortinas em veludo carmesim, cama com dossel e lindos tapetes no chão.

Do lado direito, obedecendo à mesma disposição arquitetônica, situavam-se os aposentos do conde, um tanto mais sóbrios: escritório, uma pequena biblioteca, o quarto de dormir e o de vestir.

Ao centro, a sala onde se entretinham a conversar, assentados em macios coxins de seda.

A criada entrou com o garoto que, vendo a condessa, abriu os bracinhos e jogou-se para ela, balbuciando alegremente:

– Mamãe!... Mamãe!... Mamãe!...

O conde, espantado a princípio, tornou-se rubro de cólera, erguendo-se altaneiro:

– Senhora! Creio que me deves uma explicação.

Percebendo o que se passava na cabeça do marido, ela respondeu-lhe digna e nobre:

– Sim, meu Senhor. Acalma-te, porém. Deus é testemunha de que nada existe de censurável e de vergonhoso pela presença desta criança. Senta-te e escuta.

E contou-lhe tudo o que acontecera desde que o recém-nascido fora encontrado pela criada.

– Isto é tudo, meu Senhor. Aguardava teu retorno para decidir o futuro desta criança. Confesso, porém, que me afeiçoei a ela como se fora meu próprio filho e ficaria feliz se a aceitasses como tal.

Já mais tranquilo, respirando agora com mais facilidade, o homem fitou a criança, que se entretinha a brincar no chão, sem saber que decidiam sua vida e seu futuro.

Notando-lhe disposição diferente, ela se jogou aos pés do esposo, enlaçando-lhe os joelhos e, deixando de lado as formalidades, disse-lhe, comovida:

– Oh! Ricardo! Sabes como sempre desejei ter um filho nosso. Deus, porém, não me julgou digna de ser mãe, pois me negou até agora esta oportunidade. Mas, por outro lado, encaminhou até nosso lar esta criança que não tem pais. Não te parece que isso é um sinal dos céus? Que ela veio para meu regaço, embora por vias indiretas, para ocupar o lugar do filho que eu não te soube dar?

Enternecido com a atitude da esposa, acariciou-lhe os cabelos sedosos, concordando por fim.

– Está bem, minha querida. Seja feita a tua vontade. Se é o que realmente desejas, Louise, nada tenho a opor. Creio mesmo que ficas demasiado tempo sozinha enquanto estou ausente. Assim, terás com o que ocupares o tempo e uma companhia para distrair-te.

Ela ria, satisfeita, enxugando as lágrimas:

- Obrigada, meu querido Ricardo. Obrigada. Verás como não vais te arrepender.

O conde olhou para a criança e esta, talvez sentindo o olhar pousado nela, ergueu os olhos grandes e belos e sorriu. Algo dentro do conde se agitou a esse olhar e uma ponta de apreensão dominou-lhe o íntimo.